

**REFLEXÕES SOBRE A MENTIRA**

Marta Rios Alves Nunes da Costa  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Alexandre Koyré, 1943

Texto publicado inicialmente em Nova Iorque no primeiro número de *Renaissance*, revista trimestral publicada pela École Libre des Hautes Études (volume I, fascículo I, janeiro-março de 1943). O texto foi de seguida publicado em inglês no número de junho de 1945 do *Contemporary Jewish Record*, revista do Comité Americano Judaico sob o título “A função política da mentira moderna”.

Depois da morte de Alexandre Koyré, *Le Nouveau Commerce* reeditou este texto no seu número 5 (primavera-verão 1965), precedido de uma introdução de Gandillac. A Revista *Rue Descartes* publicou estas páginas no seu número 8-9 (novembro de 1993) sob o título “A Função política da mentira moderna”.

As *Reflexões sobre a mentira* foram objeto de uma tradução italiana, publicada em volume pelas edições De Martinis & C. Em Catane em 1994 (*Riflessioni sulla menzogna politica*, traduzido por Bruno Lumi, com uma introdução de Salvatore S. Nigro).

\* \* \*

Nunca se mentiu tanto como nos nossos dias. Nem se mentiu de uma maneira tão desonesta, sistemática e constante. Dir-nos-ão talvez que não é nada, que a mentira é tão velha quanto o mundo ou, pelo menos, que o homem, *mendax ab initio*; que a mentira política nasceu com a própria cidade e abundantemente isso nos ensina a história; enfim, sem remontar ao início dos dias, que o *bourrage de crâne*<sup>1</sup> da Primeira Guerra mundial e a

---

<sup>1</sup> Expressão sem tradução equivalente para o português. A expressão começou sendo utilizada no final do século XIX, no *argot* (gíria) parisiense e estendeu-se à Primeira Guerra Mundial sendo aplicada para designar

mentira eleitoral da época que a seguiu atingiu níveis e estabeleceu recordes que dificilmente serão superados.

Tudo isto é verdadeiro, sem dúvida. Ou quase tudo. É certo que o homem se define pela palavra e que esta gera a possibilidade da mentira e que não desagrada a Porfírio – o mentir, mais do que o rir, é o próprio homem. É certo igualmente que a mentira política é de todos os tempos, que as regras e a técnica de que antigamente se chamava de ‘demagogia’ e nos nossos dias de ‘propaganda’ foram sistematizados e codificados há milhares de anos<sup>2</sup>; e que os produtos destas técnicas, a propaganda dos impérios esquecidos e transformados em pó nos falam, ainda hoje, do alto dos muros de Karnak e dos rochedos de Ankara.

É incontestável que o homem sempre mentiu. Mentiu a si mesmo. E aos outros. Mentiu pelo seu prazer – o prazer de exercitar esta faculdade espantosa de ‘dizer o que não é’ e de criar, pela sua palavra, um mundo no qual ele é o único responsável e autor. Mentiu também para se defender: a mentira é uma arma. A arma preferida do inferior e do fraco<sup>3</sup> que, ao enganar o adversário, se afirma e se vinga dele.<sup>4</sup>

Mas nós não vamos proceder aqui à análise fenomenológica da mentira, ao estudo do lugar que ela ocupa na estrutura do ser humano: isso preencheria um volume. É à mentira moderna, e mesmo de forma mais específica, à mentira política moderna, que nós desejamos consagrar algumas reflexões. Pois, apesar das críticas que nos serão feitas, inclusive aquelas que nós nos fazemos a nós mesmos, permanecemos convictos de que, neste domínio, *quo nihil antiquius*, a época atual, ou mais exatamente, os regimes totalitários, inovaram de forma poderosa.

A inovação não é total, sem dúvida, e os regimes totalitários nada mais fizeram do que levar ao limite algumas tendências, certas atitudes, certas técnicas que existiam bem antes deles. Mas nada é inteiramente novo no mundo, tudo tem fontes, raízes, germes, e

---

a propaganda mentirosa presente na maioria dos jornais. A expressão foi ainda popularizada pelo jornalista Albert Londres, em reportagens dos anos 1917-1918.

<sup>2</sup> Encontra-se já nos diálogos de Platão, sobretudo na *Retórica* de Aristóteles, uma análise magistral da estrutura psicológica, e também da técnica, da propaganda.

<sup>3</sup> Enganando o seu adversário ou o seu mestre – o mais fraco se demonstra ‘mais forte’ que o outro.

<sup>4</sup> Enganar é também humilhar, o que explica que a mentira, muitas vezes gratuita, das mulheres e dos escravos.

todo o fenômeno, toda a noção, toda a tendência, levada ao limite, se altera e se transforma em algo de sensivelmente diferente.

Mantemos a afirmação de que nunca mentimos tanto como nos nossos dias e que nunca mentimos de forma tão massiva e tão total como se faz hoje.

Nunca mentimos tanto... com efeito, dia após dia, hora após hora, minuto após minuto, ondas de mensagens se espalham no mundo. A palavra, a escrita, o jornal, a rádio... todo o progresso técnico é colocado ao serviço da mentira.

O homem moderno – ainda aí, é no homem totalitário que pensamos – banha-se na mentira, respira a mentira, está submetido à mentira em todos os instantes da sua vida.<sup>5</sup>

Quanto à qualidade – e nós queremos falar da qualidade intelectual – da mentira moderna, ela evoluiu em sentido inverso ao seu volume. Isso é compreensível. A mentira moderna – está aí a sua qualidade distintiva – é fabricada em massa e dirige-se à massa. Ora, toda a produção de massas, toda a produção – sobretudo toda a produção intelectual – destinada às massas, está obrigada a baixar os seus *standards*. Além disso, se nada é mais refinado do que a técnica da propaganda moderna, nada é mais grosseiro do que o conteúdo das suas asserções, que revelam um desprezo absoluto e total face à verdade. E mesmo face à verosimilhança. Um desprezo que apenas é igualado por aquele – que ele implica – das faculdades mentais daqueles a quem ela se dirige.

Poderíamos inclusive questionar – e o fizemos efetivamente – se tínhamos ainda o direito de falar aqui de ‘mentira’. Com efeito, a noção de ‘mentira’ pressupõe a noção de veracidade, já que ela é a sua oposta e a negação, da mesma forma que a noção de falso pressupõe a noção do verdadeiro. Ora, as filosofias oficiais dos regimes totalitários proclamam unanimemente que a concepção da verdade objetiva, uma para todos, não tem sentido nenhum; e que o critério da ‘Verdade’ não é o seu valor universal mas a sua conformidade ao espírito da raça, da nação ou da classe, a sua utilidade racial, nacional ou social. Prolongando e levando ao limite as teorias biológicas, pragmáticas, ativistas da verdade, e consumindo ainda aquilo que muito bem nomearam como ‘a traição dos

---

<sup>5</sup> O regime totalitário está essencialmente ligado à mentira. Também nunca se mentiu tanto em França de tal forma que no dia em que inauguraram a marcha em direção a um regime totalitário, o Maréchal Pétain proclamou: “Odeio a mentira”.

clérigos’<sup>6</sup>, as filosofias oficiais dos regimes totalitários negam o valor próprio do pensamento que, para eles, não é uma luz mas uma arma; o seu objetivo, a sua função, dizem eles, não é a de nos revelar o real, isto é, aquilo que é, mas sim de nos ajudar a modificá-lo, a transformá-lo, guiando-nos em direção àquilo que não é. Ora, para isso, tal como o reconhecemos há já bastante tempo, o mito é muitas vezes preferível à ciência, e a retórica que se dirige às paixões à demonstração que se dirige à inteligência.

Também nas suas publicações (mesmo naquelas que se dizem científicas), nos seus discursos e, claro, na sua propaganda, os representantes dos regimes totalitários se utilizam muito pouco da verdade objetiva. Mais fortes que Deus todo poderoso, eles transformam o presente e mesmo o passado à sua vontade.<sup>7</sup> Poderíamos concluir, e talvez o tenhamos feito, de que os regimes totalitários estão para lá da verdade e da mentira.

Da nossa parte, cremos que isso não é nada. A distinção entre a verdade e a mentira, o imaginário e o real, permanece valioso mesmo no interior das concepções e dos regimes totalitários. É o seu lugar, e o seu papel apenas, que são, de alguma forma, invertidos: os regimes totalitários são fundados sobre a *primazia da mentira*.

O lugar da mentira na vida humana é muito curioso. Os códigos da moral religiosa, pelo menos no que diz respeito às grandes religiões universalistas, sobretudo aquelas do monoteísmo bíblico, condenam a mentira de forma rigorosa e absoluta. Isso é compreensível: o seu Deus, sendo aquele da luz e do ser, é necessariamente também o Deus da verdade. Mentir, isto é, dizer o que não é, deformar a verdade e velar o ser, é um pecado; e é até um pecado muito grave, um pecado de orgulho e um pecado contra o espírito, um pecado que nos separa de Deus e que nos opõe a Deus. A palavra de um justo, tal como a palavra divina, não pode e não deve ser nada outro que não a da verdade.

As morais filosóficas, em alguns casos de um rigor extremo, tais como a de Kant e a de Fichte, colocadas à parte, são, de maneira geral, muito mais indulgentes. Mais humanas. Intransigentes no que diz respeito à forma positiva e ativa da mentira, *suggestio*

---

<sup>6</sup> Koyré refere-se à obra *La Trahison des clercs*, de Julien Benda, publicado inicialmente em 1927. Nesta obra Benda denuncia a traição dos escritores ‘engajados’ politicamente, mostrando como a convergência por parte de intelectuais a uma ideologia conduz a um abandono dos valores clericais, superiores, nomeadamente, a beleza, o verdadeiro e o justo. A expressão ‘trahison des clercs’ pode ser traduzida quer por ‘traição dos clérigos’, quer por ‘traição dos intelectuais’.

<sup>7</sup> É interessante estudar, deste ponto de vista, a lição histórica dos regimes totalitários e suas variações. Os novos manuais da história das escolas francesas ofereceriam uma ampla gama para a reflexão.

*falsi*, elas o são muito menos no que diz respeito à sua forma negativa e passiva: *suppressio veri*. Elas sabem que, de acordo com o provérbio, “nem toda a verdade se deve dizer”. Pelo menos não sempre. E não a qualquer pessoa.

Muito mais do que as morais de base puramente religiosa, as morais filosóficas dão conta do facto de que a mentira se exprime em palavras e que toda a palavra<sup>8</sup> se dirige a alguém.<sup>9</sup> Não se mente “no ar”. Mente-se - como se diz, ou não se diz, a verdade – a alguém. Ora, se a verdade é ‘o alimento da alma’, ela é sobretudo aquele das almas fortes.<sup>10</sup> Ela pode ser perigosa aos outros. Pelo menos no seu estado puro. Ela pode até mesmo os ferir. É preciso doseá-la, diluí-la, vesti-la. Por outro lado, é preciso ter em mente as consequências, o uso dado a ela por aqueles a quem se dirá [a verdade].

Não há, de maneira geral, uma obrigação moral de dizer a verdade a todas as pessoas. E nem todas as pessoas a podem exigir de nós.<sup>11</sup>

As regras da moral social, da moral real que se exprime nos costumes e que governa, efetivamente, as nossas ações, são muito mais soltas do que aquelas da moral filosófica. Estas regras geralmente condenam a mentira. Todo o mundo diz que é ‘feio’<sup>12</sup> mentir. Mas esta condenação está longe de ser absoluta. A interdição está longe de ser total. Há casos onde a mentira é tolerada, permitida e até mesmo recomendada. Aí, a análise precisa conduzir-nos-ia ainda mais longe. *Grosso modo* podemos constatar que a mentira é tolerada desde que ela não prejudique o bom funcionamento das relações sociais, desde que não ‘faça mal a ninguém’<sup>13</sup>; é permitido desde que ele não esgace o laço social que une o grupo, quer dizer, desde que ele aconteça não no interior do grupo, do ‘nós’, mas fora dele, não se engana ‘os seus’; quanto aos ‘outros’<sup>14</sup>... minha crença, não são eles exatamente ‘os outros’?

<sup>8</sup> O termo ‘palavra’ é aqui tomado no sentido mais lato de expressão e sugestão. É evidente que podemos mentir sem abrir a boca.

<sup>9</sup> As morais religiosas fazem da verdade uma obrigação face a Deus e não diante dos homens. Elas proíbem mentir ‘diante de Deus’ e ‘aos homens’.

<sup>10</sup> Esta consideração está às vezes presente até nas morais religiosas. Do leite às crianças, do vinho aos adultos, diz São Paulo.

<sup>11</sup> Dizemos a verdade a quem estimamos, aos nossos pares ou aos nossos superiores. Inversamente, a recusa da verdade implica uma ausência de estima, uma falta de respeito.

<sup>12</sup> ‘Um “gentleman” não mente’. A verdade é uma virtude aristocrática, ligada à noção de ‘honra’. Para o escravo não é uma virtude mas um dever, uma obrigação.

<sup>13</sup> A hipocrisia das formas convencionais do comportamento social, urbanidade, delicadeza, etc., não é ‘mentira’.

<sup>14</sup> Os ‘seus’ têm direito à verdade; mas não os ‘outros’?

A mentira é uma arma. É por isso lícito utilizá-la numa luta. Seria estúpido não o fazer. Na condição de a empregar apenas contra o adversário e nunca contra os amigos e aliados.

Podemos, de maneira geral, mentir ao adversário, enganar o inimigo. Há poucas sociedades que, tais como os Maoris, sejam cavalheirescas ao ponto de proibir as táticas de guerra. Há ainda menos que, tais como os Quakers e os Wahhabitats, sejam religiosos ao ponto de se proibir toda a mentira ao outro, ao estrangeiro, ao adversário. Quase em todos os lugares admite-se que a decepção [*déception*]<sup>15</sup> é permitida na guerra.

A mentira não é, regra geral, recomendada nas relações pacíficas. No entanto (sendo o estrangeiro um inimigo potencial), a veracidade nunca foi considerada como a qualidade mestra dos diplomatas.

A mentira é, mais ou menos, admitida no comércio: lá, onde os costumes nos impõem os limites que têm a tendência a tornar-se cada vez mais estreitos.<sup>16</sup> No entanto, os costumes comerciais mais rígidos toleram sem reclamar a mentira juramentada da reclamação.

A mentira permanece tolerada e admitida. Mas justamente... ela é apenas tolerada e admitida. Em alguns casos. Restam exceções, como a guerra, a única onde se torna justo e bom fazer o uso da mentira.

Mas se a guerra, de carácter excepcional, episódico, passageiro, se tornasse um estado perpétuo e normal? É claro que a mentira, no caso excepcional, tornar-se-ia também ela normal, e que um grupo social que se vê e se sente rodeado de inimigos não hesitará em empregar a mentira contra eles. Verdade para os seus, mentira para os outros, tornar-se-á uma regra de conduta e entrará nos costumes do grupo em questão.

Vamos mais longe. Consumamos a ruptura entre ‘nós’ e ‘eles’. Transformemos a hostilidade de facto em uma inimizade de alguma forma essencial, fundada na própria natureza das coisas.<sup>17</sup> Tornemos os inimigos ameaçadores e poderosos. É claro que todo o grupo, colocado no meio de um mundo de adversários irredutíveis e irreconciliáveis, veria

---

<sup>15</sup> no sentido de engano.

<sup>16</sup> Comerciante e mentiroso já foram noções sinónimas. “Quem não engana, não vende” diz um velho provérbio eslavo. Hoje admite-se que para o comerciante, a honestidade é a melhor política.

<sup>17</sup> O melhor meio de levar a oposição ao limite é tornando-a biológica. Não é por acaso que o fascismo se tornou racismo.

abrir-se um abismo entre si e os outros; um abismo que nenhum lugar, nenhuma obrigação social seria capaz de superar.<sup>18</sup> Parece evidente que dentro e para tal grupo a mentira – a mentira ‘aos outros’ – não seria nem um ato simplesmente tolerado, nem mesmo uma simples regra de conduta social: ela tornar-se-ia obrigatória, ela se transformaria em virtude. Por outro lado, a veracidade mal colocada, a incapacidade de mentir, em vez de ser considerada como um traço cavalheiresco, tornar-se-ia uma tara, um signo de fraqueza e de incapacidade.

A análise, bem sumária e incompleta à qual nós nos acabamos de entregar – longe disso – não é um mero exercício dialético, um estudo abstrato de uma possibilidade absolutamente teórica. Muito pelo contrário: nada é mais concreto e real do que os agrupamentos sociais sobre os quais tentamos desenhar uma descrição esquemática. Não seria difícil de dar, e mesmo de multiplicar, os exemplos de sociedades nas quais uma estrutura mental apresenta, em graus diversos, os traços fundamentais, ou se preferirmos, a perversão fundamental que acabamos de indicar.<sup>19</sup> Ora, esses graus, que inclusive nós seguimos numa escala ascendente, exprimem a ação de três fatores:

1. o grau do distanciamento e da oposição entre os grupos em questão. Há, de longe, uma hostilidade natural pelo estrangeiro, inimigo potencial e até mesmo inimigo real, até um ódio sagrado que inspira os combatentes de uma guerra religiosa.<sup>20</sup> E longe desta até à ferocidade biológica que anima aqueles envolvidos numa guerra de extermínio racial.
2. A relação entre forças, isto é, o grau de perigo que ameaça o grupo estudado por parte dos seus vizinhos-inimigos. A mentira, dissemos acima, é uma arma. E sobretudo a arma do mais fraco: não empregamos a trapaça contra aqueles que estamos certos de esmagar sem grandes riscos; trapaceamos, pelo contrário, para escapar ao perigo.<sup>21</sup>

---

<sup>18</sup> A guerra estado normal... a hostilidade do mundo exterior... são temas constitutivos da consciência de si que os totalitários incutem nos seus povos.

<sup>19</sup> Citemos ao calhas o treino à mentira do jovem Esparta e do jovem Indiano; a mentalidade de um marrano ou de um jesuíta.

<sup>20</sup> É a mentalidade da guerra religiosa que traduz a celebre frase: non servatur fides infedelibus.

<sup>21</sup> A mentira é uma arma; não se empregar-se-á se não se sente ameaçado e se não corre perigo. Daí resulta que um agrupamento não adoptará a regra da mentira a não ser que, sendo o mais fraco, seja atacado e perseguido. Se não o for, permanece isento da perversão estudada por nós, mesmo se tais como os Jaina ou os Parsis eles formarem uma comunidade absoluta e rigorosamente fechada.

3. O grau de frequência dos contatos entre os grupos hostis e seus membros. Com efeito, se esses grupos, por muito hostis que sejam, não entram em contato, ou apenas no campo de batalha, se os membros de um grupo não frequentam aqueles dos outros, eles terão – fora do esquema guerreiro – raramente a ocasião de mentir-lhes. A mentira pressupõe o contato; ela implica e exige o comércio.

Este último ponto nos obriga a levar a análise adiante. Suprimamos a existência autônoma do nosso grupo. Mergulhemos no mundo hostil de um grupo estrangeiro, submerjamo-lo, inteiro, no seio de uma sociedade inimiga com a qual, no entanto, ele permanecerá em contato diariamente: é claro que, dentro e para esse grupo em questão, a faculdade de mentir será extremamente necessária e a virtude da mentira ainda mais apreciada, de forma a que a pressão exterior, que a tensão entre ‘nós’ e os ‘outros’, que a inimizade dos ‘outros’ por ‘nós’, que a ameaça que os ‘outros’ fazem recair sobre ‘nós’, crescerá e aumentará de intensidade.

Levemos, uma vez mais, até uma situação limite; façamos crescer a hostilidade até a tornar absoluta e total. Torna-se claro que o grupo social cujos avatares estamos seguindo se sentirá obrigado a desaparecer. Desaparecer de fato, ou melhor, aplicando até ao fim a técnica e arma da mentira, desaparecer aos olhos dos outros, escapar aos seus adversários, e esquivar-se à sua ameaça refugiando-se na noite do segredo.

A inversão é total: a mentira, para o nosso grupo, tornada segredo de grupo,<sup>22</sup> será mais do que uma virtude. Tornar-se-á condição de existência, seu modo de ser habitual, fundamental e primeiro.

Pelo natureza própria do segredo, certos traços característicos, próprios a todo o grupo social enquanto tal, se encontrará acentuados e exagerados para lá da medida. Assim, por exemplo, todo o grupo eleva uma barreira mais ou menos permeável e transponível entre si e os outros; todo o agrupamento reserva para os seus membros um tratamento privilegiado, estabelece entre eles um certo grau de união, de solidariedade, de ‘amizade’; todo o agrupamento atribui uma importância particular à manutenção dos limites de

---

<sup>22</sup> O estudo do agrupamento secreto foi especificamente negligenciado pela sociologia. Sem dúvida conhecemos relativamente bem as sociedades secretas da África Equatorial; pelo contrário, ignoramos tudo, ou quase tudo, daqueles que existiram e ainda existem na Europa. Ou, se por acaso conhecemos a história, ignoramos a estrutura tipológica destes agrupamentos, os quais Simmel foi, pouco a pouco, o único a reconhecer-lhes importância.

separação entre si e os ‘outros, e assim à preservação dos elementos simbólicos que formam, de alguma maneira, o conteúdo; todo o agrupamento, todo o agrupamento vivo em todo o caso, considera a pertença ao grupo como um privilegio e uma honra<sup>23</sup>, e vê na fidelidade ao grupo um dever para com os seus membros; todo o agrupamento, desde que ele se consolida e atinge uma certa dimensão, implica uma certa organização, uma certa hierarquia.

Todos estes traços se exasperam no agrupamento secreto: a barreira, em algumas condições sendo transponível, torna-se impermeável<sup>24</sup>; a agregação ao grupo torna-se iniciação irrevogável<sup>25</sup>; a solidariedade se transforma num vínculo apaixonado e exclusivo; os símbolos adquirem um valor sagrado; a fidelidade ao grupo torna-se o dever supremo, talvez mesmo o único, dos seus membros; quanto à hierarquia, tornada secreta, também ela adquire um valor absoluto e sagrado; a distância entre os seus níveis aumenta, a autoridade torna-se ilimitada, e a obediência *perinde ac cadaver*, a regra e a norma das relações entre o membro do grupo e os seus chefes.

Mas ainda há mais. Todo o agrupamento secreto, seja ele um agrupamento de doutrina ou um agrupamento de ação, uma seita ou uma conspiração – e, além disso, o limite entre os dois tipos de agrupamento é extremamente difícil de traçar, sendo o agrupamento de ação, ou quase se tornando, um agrupamento de doutrina – é um agrupamento *em segredo*, ou mesmo, *com segredos*. [*à secret* e *à secrets*]. Queremos com isto dizer que, mesmo no caso de um agrupamento de ação puro, como um bando de *gangsters* ou uma conspiração de corredores, ele não possui a doutrina exotérica e secreta que faça com que ele seja obrigado de proteger os mistérios ao velá-los perante os olhos dos não-iniciados, a sua própria existência está indissolivelmente ligada à manutenção de um segredo e até mesmo de um duplo segredo; a saber, o segredo da sua própria existência assim como os fins da sua ação.

---

<sup>23</sup> Há sem dúvida grupos – os grupos de parias – que consideram a pertença ao agrupamento como uma infelicidade ou desonra. Estes grupos terminam geralmente por desaparecer. Mas enquanto existem, eles consideram toda a evasão como traição.

<sup>24</sup> O tipo clássico de agrupamento secreto é o grupo ao qual se acede por iniciação, que geralmente, comporta níveis; os grupos secretos hereditários também existem e são muito raros, e além disso, esses grupos também comportam iniciações. No fundo, nesse tipo de agrupamentos, é a iniciação que é hereditária ou reservada hereditariamente.

<sup>25</sup> Os grupos de iniciação não são necessariamente agrupamentos secretos.

Resulta daí que o dever supremo do membro de um agrupamento secreto, o ato pelo qual se exprime a sua ligação e a sua fidelidade a esse [agrupamento], o ato pelo qual se afirma e se confirma a sua pertença ao grupo consiste, paradoxalmente, na dissimulação de tal *facto*.<sup>26</sup> Dissimular o que é e, para fazê-lo, simular o que não é: eis o modo de existência que, necessariamente, todo o agrupamento secreto impõe aos seus membros.

DISSIMULAR o que é, simular o que não é... isso implica com toda a evidência: não dizer – jamais – o que se pensa e o que se crê; e também dizer – sempre – o contrário. Para todo o membro de um grupo secreto, a palavra é apenas um meio de esconder o seu pensamento.

Sendo assim, tudo o que se diz é falso. Toda a palavra, pelo menos toda a palavra pronunciada em público, é uma mentira. Apenas as coisas que não se diz, ou pelo menos, que não se revela a não ser aos ‘seus’, são, ou podem ser, verdadeiras.<sup>27</sup>

A verdade é assim, sempre esotérica e escondida. Ela nunca é acessível ao comum, ao vulgar, ao profano. Nem mesmo àquele que não está completamente iniciado.

Todo o membro do agrupamento secreto, digno do seu papel, tem plena consciência disso. Ele também nunca acreditará naquilo que ele escutará dizer *em público* por um membro do seu próprio agrupamento. E sobretudo, ele nunca admitirá *como verdadeira* qualquer coisa que seja *publicamente* proclamada pelo seu chefe. Pois não é a ele que o chefe se dirige, mas sim aos ‘outros’, a esses ‘outros’ que ele tem o dever de cegar, de enganar, de trapacear.<sup>28</sup>

Assim, através de um novo paradoxo, é na recusa de crer àquilo que ele *diz e proclama* que se exprime a confiança do membro do agrupamento secreto no seu chefe.

Poderíamos levantar uma objeção dizendo que a nossa análise, por muito justa que ela seja, dispensa o sujeito. Os governos totalitários não são nada menos do que sociedades secretas, rodeadas de inimigos ameaçadores e poderosos e obrigados, por isso, a procurar

---

<sup>26</sup> Aplica-se de forma totalmente diferente para um agrupamento de propaganda religiosa ou política aberta, agrupamento nos quais os membros aceitam ou buscam o martírio em testemunho da sua fé, para quem o martírio constitui um meio de propaganda e de ação.

<sup>27</sup> Também é preciso distinguir de forma rigorosa entre a declaração pública e a comunicação, mais ou menos secreta e completa, da verdade esotérica aos iniciados e aos candidatos à iniciação.

<sup>28</sup> Acreditar nos conselhos e nas asserções esotéricas é demonstrar pela própria crença a insuficiência da sua iniciação; é desqualificar-se.

a proteção na mentira, escondendo-se, dissimulando.<sup>29</sup> E mesmo os ‘partidos únicos’ que formam a armadura dos regimes totalitários não podem, nos dirão, ter nada em comum com os agrupamentos de conspiradores: com efeito, eles operam à luz do dia. Além disso, em vez de querer se esconder, de elevar uma barreira entre si e os outros, o seu fim, jurado e patente, é justamente o de absorver todos esses ‘outros’, englobá-los e abraçar a nação (ou a raça) na sua totalidade.

Além disso, poderíamos contestar de igual modo a ligação que pretendemos estabelecer entre totalitarismo e mentira. Poderíamos fazer valer que, em vez de esconder e dissimular os fins próximos e longínquos de suas ações, os governos totalitários sempre os proclamaram *urbi et orbi* (aquilo que nenhum governo democrático teria jamais a coragem de fazer) e que é ridículo acusar como mentira alguém que, como Hitler, anunciou publicamente (e até mesmo imprimiu preto no branco no *Mein Kampf*) o programa que ele realizou de seguida ponto por ponto. Tudo isto é justo, sem dúvida, mas apenas parcialmente. E é por isso que as objeções que acabamos de formular não nos parecem, de modo nenhum, decisivas.

É verdade que Hitler (tal como outros chefes de países totalitários) anunciou publicamente todo o seu programa de ação. Mas isso se deu porque ele sabia que os ‘outros’ não acreditariam nele, que as suas declarações não seriam levadas a sério pelos não-iniciados; é exatamente por dizer-lhes a verdade que ele estava confiante de enganar e adormecer os seus adversários.<sup>30</sup>

Aí se encontra uma velha técnica maquiavélica da mentira num segundo nível, técnica perversa entre todas e na qual a própria verdade se torna um instrumento puro e simples de decepção/ engano.<sup>31</sup> Parece claro que esta ‘verdade’ nada tem de comum com a verdade.

---

<sup>29</sup> Sabemos portanto a que ponto os regimes totalitários cultivam entre seus aderentes e seus povos a psicologia do justo perseguido, do povo eleito rodeado de um mundo de inimigos que lesam os seus direitos e ameaçam a sua existência. Inversão característica da situação real que alimenta o salto de inferioridade dos totalitários.

<sup>30</sup> A técnica da mentira no décimo grau foi, como bem se sabe, amplamente empregue pela diplomacia bismarckiana. A sua utilização, em simultâneo com o uso da mentira simples – que tem por resultado confundir o adversário – é característica da diplomacia totalitária.

<sup>31</sup> Decepção dos adversários; por outro lado, os ‘seus’, os iniciados e *aqueles que são dignos de o ser* encontraram o anúncio e a expressão da verdade.

É igualmente verdade que, nem os Estados nem os partidos totalitários são sociedades secretas no sentido preciso deste termo, e que eles agem publicamente. Inclusive com grande apoio da publicidade. Isso se dá – e é nisso que consiste a inovação sobre a qual falamos acima – porque são *conspirações em pleno dia*.

UMA conspiração em pleno dia – forma nova e curiosa do agrupamento de ação, própria à época democrática, à época da civilização de massas, não está rodeada de ameaça e por isso não tem necessidade de se dissimular; pelo contrário, sendo obrigada a agir sobre as massas, a englobar e organizar as massas, ela precisa aparecer à luz, e até mesmo de concentrar esta luz sobre ela e sobre seus chefes. Os membros do agrupamento não têm necessidade de se esconder; pelo contrário, eles podem afixar a sua pertença ao agrupamento, ao ‘partido’, eles podem torna-la visível e reconhecível aos outros e mesmo aos seus através de signos exteriores, emblemas, insígnias, pelo porte de braçadeiras ou mesmo uniformes, por restos rituais realizados em público. Mas enquanto os membros de uma sociedade secreta – e isto apesar do facto que acabamos de mencionar, que a conspiração em pleno dia tende necessariamente a tornar-se uma organização de massas – eles manterão a distância entre si e os outros; a adopção de signos exteriores de pertença ao ‘partido’ não fará nada mais do que acentuar a oposição e tornar ainda mais clara a barreira que os separa daqueles que estão fora; a fidelidade ao agrupamento permanecerá a virtude principal de seus membros; a hierarquia interior do ‘partido’ tomará o aspecto, e terá a estrutura, de uma organização militar, e a regra *non servatur fides infidelibus* será observada com os maiores escrúpulos. Pois a conspiração em pleno dia, se ela não é uma sociedade *secreta*, ela é, de qualquer forma, uma sociedade de *segredo*. [*à secret*]

A vitória, quer dizer, o sucesso da conspiração, não destruirá os traços que acabamos de mencionar; ela se limitará a enfraquecer alguns, mas em compensação, a intensificar outros e, mais especificamente, a reforçar o sentimento de superioridade da nova classe dirigente, a sua convicção de pertencer a uma elite, a uma aristocracia completamente separada da massa.<sup>32</sup>

Os regimes totalitários nada mais são do que tais conspirações, resultados do ódio, do medo, da inveja, alimentados por um desejo de vingança, de dominação, de rapina;

---

<sup>32</sup> Poderíamos chamar ‘a aristocracia da mentira’ se estes termos não jogassem um contra o outro. Com efeito, uma elite da mentira é, necessariamente, uma elite mentirosa, uma cacocracia e não uma aristocracia.

conspirações que também tiveram sucesso, ou melhor – e este é um ponto importante – são conspirações que tiveram um sucesso *parcial*: que conseguiram impor-se no seu país, conquistar o poder, e captar o Estado. Mas que não conseguiram – até agora – realizar os fins a que se propuseram<sup>33</sup> e que, por isso mesmo, faz com que continuem a conspirar.

Poderíamos perguntar se a noção da conspiração em pleno dia não é uma contradição *in adjecto*. Uma conspiração implica mistério e segredo. Como é possível fazê-la em pleno dia?

Sem dúvida. Toda a conspiração implica o segredo; segredo que diz respeito precisamente aos fins da sua ação; fins que ela deve dissimular exatamente para poder atingi-los e que não são conhecidos a não ser por aqueles que ‘estão aí’. Mas a conspiração em pleno dia não faz exceção a esta regra pois, tal como acabamos de dizer, embora ela não seja uma sociedade secreta ela permanece uma sociedade *de segredo*.

Como pode uma sociedade assim, isto é, uma sociedade que opera em praça pública, que procura organizar as massas e cuja propaganda se dirige às massas, guardar um segredo? A questão é perfeitamente legítima. Mas a resposta não é tão difícil como pode parecer inicialmente. Aliás, ela é bastante simples, já que só há um único meio de guardar um segredo; é não revela-lo; ou revela-lo apenas àqueles com os quais temos certeza: a uma elite de iniciados.

Ora, na conspiração em pleno dia esta elite, que sozinha, conhece os fins reais do *complot* é, naturalmente, formada pelos chefes, os membros dirigentes do ‘partido’. E como este exerce uma ação pública e os seus chefes agem e são obrigados a expor publicamente a sua doutrina, fazendo discursos públicos e declarações públicas, segue-se que a manutenção do segredo implica a aplicação constante da regra: toda a asserção pública é criptograma e mentira; uma asserção doutrinal assim como uma promessa política, a teoria<sup>34</sup> ou a fé oficial tal como uma obrigação adquirida por tratado.

*Non servatur fides infidelibus* permanece a regra suprema. Os iniciados sabem-no. Os iniciados e aqueles que são dignos de sê-lo. Eles compreenderão, decifrarão e perceberão o véu que mascara a verdade.

Os ou

<sup>33</sup> Para aquele que sabe ler, o fim da dominação mundial está claramente formulado em *Mein Kampf*.

<sup>34</sup> A teoria, ainda é propaganda. Propagada, é certo, pelos não iniciados que a creem.

,tros, os adversários, a massa, incluindo a massa dos aderentes ao agrupamento, aceitarão como verdadeiras as asserções públicas e, por isso mesmo, revelar-se-ão indignos de receber a verdade secreta assim como de fazer parte da elite. Os iniciados, os membros da elite, e isso por uma espécie de saber intuitivo e direto<sup>35</sup>, conhecem o pensamento íntimo e profundo do chefe, conhecem os fins secretos e reais do movimento. Eles também não são afetados pelas contradições e inconsistências das suas asserções públicas: eles *sabem* que elas têm como fim enganar a massa, os adversários, os ‘outros’, e eles admiram o chefe que maneja e pratica tão bem a mentira. Quanto aos outros, àqueles que creem, eles mostram por esse mesmo fato que são insensíveis à contradição, impermeáveis à dúvida e incapazes de pensar.

A ATITUDE espiritual que acabamos de descrever, atitude que está presente em todos os regimes totalitários e, principalmente, no regime totalitário por excelência, isto é, no regime hitleriano<sup>36</sup>, implica, claramente, uma concepção do homem, uma antropologia. Mas para ser oposto à antropologia democrática ou liberal, a antropologia totalitária não consiste de forma alguma na inversão dos valores que, ao rebaixar o pensamento, a Inteligência, a razão, colocaria no cume do ser humano as forças obscuras, ‘telúricas’, do instinto e do sangue. Sem dúvida, a antropologia totalitária insiste na importância, no papel e na primazia da ação. Mas ela não despreza, de forma alguma, a razão.<sup>37</sup> Ou, pelo menos, o que ela despreza, ou melhor, o que ela odeia são as formas mais elevadas, a inteligência intuitiva, o pensamento teórico, o *nous* como os Gregos lhe chamavam. Quanto à razão discursiva, a razão raciocinante e calculadora, ela não desconhece o seu valor.<sup>38</sup> Muito pelo contrário. Ela coloca-a num lugar tão elevado que acaba negando-a ao comum dos mortais. Na antropologia totalitária o homem não se define pelo pensamento, razão, juízo, justamente porque, de acordo com ela, a imensa maioria dos homens não a tem. Além disso, podemos ainda falar de homem? De forma alguma. Pois a antropologia totalitária

<sup>35</sup> Uma espécie de contato místico é estabelecido para o iniciado – ou para aquele que crê sê-lo – entre si mesmo e o chefe.

<sup>36</sup> O fascismo italiano embora *tempore prior* não é que uma pálida imitação, uma caricatura, do totalitarismo hitleriano.

<sup>37</sup> Ela despreza o homem e mais particularmente o homem totalitário. Cf. R. Avord, “Tyrannie et mépris des hommes”, *France Libre*, nº16, 1942.

<sup>38</sup> Como poderia ela? O totalitarismo que, *oficialmente*, (isto é, com pretensão e falsidade) denigre a razão e a organização racional em detrimento da visão e da ligação orgânicas, apenas realiza a mais rígida das mecânicas.

não admite a existência de uma essência humana una e comum a todos.<sup>39</sup> Entre um homem e um ‘outro homem’, a diferença não é, para ela, uma diferença de grau, mas uma diferença de natureza. A velha definição grega que determina o homem como *zoon logicon*, repousa num equívoco: não existe ligação necessária entre *logos*-razão e *logos*-palavra, tal como não existe uma medida comum entre o homem, o animal razoável e o homem, animal falante. Pois o animal falante é antes de tudo um animal crédulo, e o animal crédulo é precisamente aquele que não pensa.<sup>40</sup>

O pensamento, para ela, isto é, a razão, o discernimento entre o verdadeiro e o falso, a decisão e o juízo, é uma coisa extremamente rara e pouco espalhada no mundo. Uma tarefa da elite e não da massa. Quando àquela, ela é guiada, ou melhor, impulsionada, pelo instinto, a paixão pelos sentimentos e ressentimentos. Ela não sabe pensar. Nem querer. Ela só sabe obedecer e crer.<sup>41</sup>

Ela crê em tudo que lhe dizem. Desde que o digam com insistência. Desde que elogiem as suas paixões, os seus ódios, os seus medos. É inútil buscar permanecer fora dos limites da verossimilhança: pelo contrário, quanto mais e mais grosseiramente se mente, massivamente e credivelmente, mais bem serão seguidos e acreditados. É inútil, igualmente, procurar evitar a contradição: a massa não a identificará; inútil procurar coordenar aquilo que se diz com aquilo que se diz aos outros: ninguém acreditará no que se diz aos outros e todo o mundo acreditara naquilo que se diz a si,<sup>42</sup> inútil visar a coerência: a massa não tem memória<sup>43</sup>; inútil dissimular-lhe a verdade: ela é radicalmente incapaz de a perceber; inútil até mesmo de lhe esconder que se a engana: ela nunca compreenderá que se trata dela, que diz respeito ao tratamento ao qual ela é submetida.<sup>44</sup>

<sup>39</sup> Entre os membros da ‘elite’ e o resto da humanidade, *o homo sapiens e o homo credulus*, existe para a antropologia totalitária tanta diferença tal como aquela que existe para a antropologia gnóstica entre os hílicos e os pneumáticos ou, para a antropologia aristotélica, entre o homem livre e o escravo.

<sup>40</sup> O animal pensante busca a inteligência; o animal crédulo, a certeza.

<sup>41</sup> *Credere, obedire, combattere* – este é o dever do povo. O pensamento está reservado ao chefe.

<sup>42</sup> A técnica da mentira multiplica vantagem apenas o princípio: “sou pássaro, vejam as minhas asas, sou rato, viva os ratos” e oferece a grande vantagem de permitir a falsa confiança, equivalente psíquico à falsa iniciação que dá aos enganados a (falsa) satisfação de formar uma exceção, de se crer no ‘segredo’ e de experimentar um sentimento de superioridade e por isso, um contentamento, ao ver os ‘outros’ sucumbir à mensagem.

<sup>43</sup> “os italianos são nórdicos” declara num belo dia Mussolini, depois de ter troçado durante anos, publicamente e por escrito, do racismo hitleriano.

<sup>44</sup> Também Hitler se permite a expor a sua teoria da mentira em *Mein Kampf*. Muito pouco de seus leitores compreenderam que era deles que ele falava.

É esta antropologia que está na base da propaganda dos membros da conspiração em pleno dia: e é o próprio sucesso que ela traz que explica o desprezo literalmente sobre-humano dos totalitários – nós queremos dizer os membros da elite que sabe – pela massa<sup>45</sup>, por aquela dos seus adversários assim como por aquela dos seus aderentes; para a massa, quer dizer para todos aqueles que lhe creem e que os seguem; para todos aqueles que, sem os seguir, os creem. Não iremos contestar quão bem fundada está esta atitude. Ela parece-nos facilmente justificada. Além disso, os representantes e os chefes dos regimes totalitários estão bem colocados para julgar o valor intelectual e moral dos seus aderentes, dos seus cegos.

Nós nos limitaremos simplesmente a constatar que se o sucesso da conspiração dos Totalitários pode ser considerado como prova experimental da sua doutrina antropológica e da eficácia perfeita dos métodos de ensino e de educação fundados sobre ela, esta prova vale apenas para os seus próprios países e seus próprios povos. Ela não vale para os outros, nomeadamente, para os países democráticos que, permanecendo obstinadamente incrédulos, mostraram-se refratários à propaganda totalitária: pois, nesses países, esta propaganda, embora sustentada por conspirações locais, não conseguiu, no final das contas, enganar além de uma certa parte da dita ‘elite social’. Assim, por um último paradoxo – que no fundo não é um paradoxo – são exatamente as massas populares dos países democráticos, desses países teoricamente degenerados e abastardados que, segundo os próprios princípios da antropologia totalitária, se recusaram a pertencer à categoria superior da humanidade e, ser compostas de homens pensantes, e são, pelo contrário, as pseudo-aristocracias totalitárias que representam a sua categoria inferior, aquela do homem crédulo que não pensa.

---

<sup>45</sup> A noção de massa adquire desta forma um sentido, de algum modo qualitativo e funcional: a ‘massa’ define-se pela incapacidade de pensar, e esta revela-se e demonstra-se no e pelo facto de crer às doutrinas, aos ensinamentos, às promessas dos *Fuhrer*, dos *Duce* e de outros chefes dos regimes totalitários. É claro que tomado neste sentido o termo ‘massa’ designa não apenas uma categoria social, mas uma categoria intelectual e que os membros da ‘massa’ se recrutam muitas vezes no meio das ‘elites sociais’.